

SAUL BELLOW

A conexão Bellarosa

4 novelas

Tradução

Caetano W. Galindo

Rogério W. Galindo

Introdução

Leandro Sarmatz



Copyright das novelas: *A Theft* © 1989 by Saul Bellow. *The Bellarosa Connection* © 1989 by Saul Bellow. *The Actual* © 1997 by Saul Bellow. *Ravelstein* © 2000 by Saul Bellow.
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Jaime Azenha

Revisão

Luciane Helena Gomide

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bellow, Saul, 1915-2005.

A conexão Bellarosa : 4 novelas / Saul Bellow ; introdução Leandro Sarmatz ; tradução Caetano W. Galindo, Rogério W. Galindo. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Títulos originais: *A Theft* / *The Bellarosa Connection* / *The Actual* / *Ravelstein*.

ISBN 978-85-359-2611-8

1. Ficção norte-americana 2. Literatura norte-americana
— Coletâneas 1. Sarmatz, Leandro. II. Título.

15-04828

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

7 Introdução — Bellow: a voz, *Leandro Sarmatz*

13 Um furto

89 A conexão Bellarosa

163 Uma afinidade verdadeira

229 Ravelstein

417 Sobre o autor

UM FURTO

Para meu filho, Daniel O. Bellow

Clara Velde, para começar pelo que nela chamava mais a atenção, tinha cabelos louros curtos, com um corte elegante, que cresciam numa cabeça incomumente grande. Numa pessoa de caráter inerte uma cabeça de tais dimensões podia ter parecido uma deformidade; em Clara, por ela ter tanta força pessoal, ficava parecendo uma beleza meio bruta. Ela precisava daquela cabeça; uma mente como a dela exigia espaço. Tinha ossos grandes; seus ombros não eram largos, mas altos. Seus olhos azuis, excepcionalmente grandes, tornavam-se proeminentes quando ela refletia. O nariz era pequeno — ancestralmente um nariz do Mar do Norte. A boca era muito boa mas se esticava desmesuradamente quando sorria, quando chorava. A testa era forte. Quando chegou ao limiar da meia-idade, as rugas do seu encanto *naïf* se aprofundaram; seriam permanentes agora. Na verdade, tudo nela chamava a atenção, não só o tamanho e a forma da cabeça. Ela deve ter decidido há muito tempo que para pessoas como ela não podia haver imposturas; ela não podia gastar energia com disfarces. Portanto, lá estava ela, uma americana ossuda. Tinha pernas muito boas — quem é que sabe o que se poderia ver se as pioneiras usassem saias mais curtas. Ela comprava roupas nas melhores lojas e entendia de cosméticos. No entanto, a aparência caipira jamais a abandonava. Vinha do meio do mato; não restava dúvida. Sua gente?

Fazendeiros e negociantes de Indiana e Illinois que eram muito religiosos. Clara foi educada com a Bíblia: orações no café da manhã, bênçãos antes de cada refeição, salmos decoradinhos, os evangelhos, capítulo e versículo — religião à moda antiga. Seu pai era dono de umas lojinhas de departamento no sul de Indiana. As crianças frequentaram boas escolas. Clara estudou grego em Bloomington e literatura elisabetana e jacobina em Wellesley. Um caso amoroso frustrado em Cambridge levou a uma tentativa de suicídio. A família decidiu não levá-la de volta a Indiana. Quando ameaçou tomar mais soníferos eles deixaram que ela fosse para a Universidade Columbia, e ela ficou morando em Nova York sob estreita vigilância — um regime organizado pelos pais. Ela, contudo, encontrou modos de fazer exatamente o que quis. Temia o fogo do inferno mas fazia mesmo assim.

Depois de um ano na Columbia ela foi trabalhar na Reuters, depois deu aula numa escola particular e acabou escrevendo artigos sobre temas americanos para jornais britânicos e australianos. Com quarenta anos já tinha formado uma empresa sua — uma agência jornalística especializada em alta-costura para mulheres — e acabou vendendo essa empresa para uma editora internacional e se tornando uma das suas executivas. No conselho diretor alguns se referiam a ela como “uma boa empresária”, e outros, como “a czarina da imprensa de moda”. Agora ela já era também a mãe atenciosa de três meninhas. A primeira delas foi concebida com alguma dificuldade (a assistência profissional de ginecologistas foi o que a possibilitou). O pai dessas crianças era o quarto marido de Clara.

Três dos quatro não foram mais que isso — homens que caíram na categoria marido. Só um, o terceiro, foi algo próximo a um marido de verdade. Era Spontini, o magnata do petróleo, amigo próximo do esquerdista bilionário e terrorista Giangiacomo F., que se explodiu nos anos 70. (Alguns italianos disseram, como era de se prever, que o governo armou a explosão.) Mike Spontini não era politizado, mas também não tinha nascido rico, como Giangiacomo, cujo modelo de vida era Fidel Castro. Spontini fez a própria fortuna. A aparência que tinha, suas casas e châteaus e iates teriam lhe dado direito a um papel em *La dolce vita*. Bandos de mulheres estavam à caça. Clara ganhou a briga para casar com ele mas perdeu a briga para ficar com ele. Reconhecendo por fim que ele estava se livrando dela, não se opôs a esse homem difícil, arbitrário, e cedeu todos os direitos de propriedade no acordo... um desacordo na verdade. Ele levou embora os assombrosos presentes que lhe dera, até a última pulseira. Assim que o divórcio

saiu, Mike foi detonado por dois derrames. Estava semiparalisado agora e não conseguia formar palavras. Uma italiana do tipo Sairey Gamp tomava conta dele em Veneza, onde Clara ocasionalmente iavê-lo. Seu ex-marido lhe soltava um rugido animalesco, um olhar rijo de raiva, e aí voltava à sua aparência imbecilizada. Ele preferia ser um imbecil no Gran Cannale a ser um marido na Quinta Avenida.

Os outros maridos — um desposado em cerimônia na igreja, com vestido e trajes de gala, os outros escostados na prefeitura — eram... bom, para falar francamente, maridos-bandeira. Velde era grande e bonito, indolente, desafiadoramente incompetente. Ficava em média não mais que seis meses em qualquer emprego. E então todos na empresa queriam matá-lo.

A desculpa dele para viver largando empregos era que o seu verdadeiro talento seria para estratégias de campanha. As eleições traziam à tona o melhor que havia nele: conseguir a atenção da mídia para o seu candidato, que nunca, nunca ganhava nas primárias. Mas, afinal, ele não gostava de ficar longe de casa mesmo, e uma eleição é um espetáculo itinerante. “Um doce”, dizia um dos resumos de Clara para Laura Wong, a estilista sino-americana que era sua confidente. “Um pai afetuoso enquanto as crianças não estão incomodando, o que o Wilder mais faz é ficar lendo livros de bolso: suspense, ficção científica e biografias de celebridades. Acho que ele pensa que tudo vai ficar bem enquanto continuar lá sentadinho naquelas almofadas. Pra ele inércia é o mesmo que estabilidade. Enquanto isso, eu cuido da casa sozinha: hipoteca, manutenção, empregadas, moças *au pair* da França ou da Escandinávia — austríaca, a última. Eu invento trabalhos para a escola das crianças, cuido da educação, do dentista e do pediatra, mais os coleguinhas, os passeios, testes psicológicos, roupas de bonecas, bilhetinhos cheios de recortes pros namoradinhos. O que mais...? Lido com os problemas secretos delas, resolvo as brigas, encorajo os intelectos, enxugo as lágrimas. Amo. O Wilder só fica lá lendo P. D. James, ou sei lá mais o quê, até eu ficar a ponto de arrancar o livro e jogar no meio da rua.”

Numa tarde de domingo ela fez exatamente isso — abriu a janela e arremessou o livrinho dele no meio da Park Avenue.

“Ele ficou espantado?”, perguntou Ms. Wong.

“Não completamente. Ele sabe o quanto é irritante. O que ele não me concede é razão por estar irritada. Ele está *ali*, não está? O que mais eu quero? Em toda aquela turbulência, ele é o ponto de tranquilidade. E pra todos os momen-

tos loucos e as tristezas que eu tive no jogo do amor — sobre as quais ele tem total informação — ele é a resposta. Uma mulher sensual que não conseguia encontrar um lugar onde colocar a sua emotividade, e que atraía homens brilhantes que não conseguiam fazer o que ela queria mesmo que fizessem com ela.”

“E ele faz *de verdade*?”

“Ele é o senhor absoluto, e por nenhuma razão, a não ser o desempenho sexual. É o poder de garanhão que o deixa tão confiante. Ele não é o tipo que fosse analisar. *Eu* tenho de fazer isso. Uma mulher sensual pode se iludir sobre as compensações de uma vida mental. Mas o que realmente resolve tudo, segundo ele, é o volume masculino. Ele praticamente diz com todas as letras que eu gastei o meu tempo com Jaguars fracassados. Sorte minha ter topado com um legítimo Rolls-Royce. Mas ele errou de carro”, ela disse, atravessando a cozinha com uma pressa eficiente para tirar a chaleira do fogo. O passo dela era poderoso, com as pernas desajeitadas, bem torneadas, seguindo rápidas demais para que os saltos acompanhassem o ritmo. “Quem sabe um Lincoln Continental fosse mais o caso. Enfim, mulher nenhuma quer que o quarto vire uma garagem, muito menos pra um carro sem graça.”

O que uma senhora civilizada como Laura Wong pensava de confidências como essas? A bochecha chinesa levantada com o olho chinês se acomodando ali em cima, o minúsculo grau de peso da prega epicântica ainda mais branca contra o preto dos olhos, e a luz daqueles olhos, tão estrangeira de se ver e ao mesmo tempo mais que familiar pelo seu sentido... O que podia ser mais humano que o reconhecimento desse sentido familiar? E no entanto Laura Wong era nova-iorquiníssima na sua compreensão geral das coisas. Ela não confiava em Clara tão plenamente quanto Clara confiava nela. Mas, afinal, quem confiava, quem *poderia* abrir o peito assim tão completamente? O que os ricos olhos de Ms. Wong sugeriam, Clara, em seu sem jeito, tentava de fato dizer. Fazer.

“É, os livros”, disse Laura. “Não dá pra deixar de ver.” Ela também tinha visto Wilder Velde pedalando na sua bicicleta ergonômica com a tevê ligada no volume máximo.

“Ele não consegue entender o que está errado, já que o que eu ganho parece mais do que bom pra nós. Mas eu não recebo *tanto* assim, com três crianças em escola particular. Aí eu tenho que gastar o dinheiro da família. O que envolve os meus velhos pais — velhinhos de Indiana lá com as suas Bíblias. Eu não consigo fazer ele ver que eu não posso bancar um marido desempregado, e não tem *um*

recrutador aqui em Nova York que se disponha a falar com o Wilder depois de dar uma olhada que seja no curriculum vitae e no histórico de trabalho dele. Três meses aqui, cinco meses ali. Porque isso está me incomodando, e por *minha* causa, os meus chefes estão tentando arranjar uma vaga pra ele em algum lugar. Eu sou importante o suficiente pra empresa fazer uma coisa dessas. Se ele gosta tanto assim de eleições, talvez devesse se candidatar a um cargo público. Ele tem lá certa *cara* legislativa, e pouco me importa se ele ferrar com todo o Congresso. Eu já estive com congressistas, até casei com um, e ele não é mais bobo que eles. Mas ele não quer admitir que tem alguma coisa errada; ele tem esse tipo de confiança em si próprio — tanta, que consegue até se interessar amigavelmente pelos homens com quem eu me envolvi. Eles são como os competidores fracassados, pro sujeito que ganhou o troféu. Ele se orgulha de dizer que tem uma ligação com os mais famosos, e, quando eu fui visitar o coitado do Mike em Veneza, ele foi comigo.”

“Então ele não é ciumento”, disse Laura Wong.

“Muito pelo contrário. As pessoas de quem eu fui íntima, pra ele são que nem os personagens de um livro de história. E imagine se o Ricardo III ou o Metternich tivessem traçado *a sua* mulher quando ela era moça? O Wilder é um caga-nomes, e os nomes que lhe dão mais prazer são os que ele encontrou por ser meu marido. Especialmente os das manchetes...”

É claro que Laura Wong estava ciente de que não cabia a ela mencionar o nome mais significante de todos, o nome que assombrava todas as confidências de Clara. Isso era a própria Clara quem deveria fazer. Se fosse adequado, se ela pudesse reunir as forças necessárias para tratar da mais persistente das suas preocupações, se pudesse pedir que Laura a ouvisse uma vez mais... eram escolhas que você devia confiar que ela fizesse com muito tato.

“... que ele às vezes grava quando estão sendo entrevistados na CBS ou nos programas MacNeil/Lehrer. Teddy Regler sempre em primeiríssimo lugar.”

Pronto, lá estava o nome. Mike Spontini era bem importante, mas você ainda tinha quevê-lo na categoria marido. Ithiel Regler para Clara estava muito acima de qualquer um dos maridos. “Numa escala de zero a dez”, ela gostava de dizer a Laura, “ele era o dez.”

“É o dez?”, Laura havia sugerido.

“Eu seria não só irracional mas psicótica de manter o Teddy no presente do indicativo”, Clara disse. Era uma negativa tortuosa. Wilder Velde continuava a ser julgado por um padrão do qual Ithiel Regler jamais poderia ser removido.

Não fazia, jamais podia fazer muito sentido falar de irracionalidade e de imprudência. Clara jamais seria segura ou cuidadosa, e ela não sonharia eliminar a influência de Ithiel — nem se o Anjo de Deus lhe oferecesse a opção. Ela podia ter respondido: é a mesma coisa que você tentar substituir o meu sentido do tato pelo de outra pessoa. E a questão teria que parar por ali.

Portanto, Veldé, gravando os programas de Ithiel para ela, provava quanto era inexpugnável em sua posição de marido definitivo, aquele que não podia, no quadro geral das coisas, ser superado. “E eu fico feliz que o sujeito ache isso”, dizia Clara. “É melhor pra todo mundo. Ele não ia acreditar que eu pudesse ser infiel. *Isso* é de admirar mesmo. Assim, eis um casal duplamente enigmático. Quem será o mais enigmático? O Wilder realmente gosta de ver o Ithiel sendo todo perito e esperto lá em Washington. E, enquanto isso, Laura, eu não tenho ideias pecaminosas de ser infiel. Nem penso nessas coisas, elas não figuram na minha mente consciente. Wilder e eu temos uma vida sexual em que nenhum conselheiro matrimonial no mundo inteiro podia ver defeito. Nós temos três filhas, e eu sou uma mãe amorosa, crio as meninas de uma maneira responsável. Mas, quando o Ithiel está na cidade e eu almoço com ele, começo a escorrer na direção dele. Ele me fazia gozar alisando a minha bochecha. Pode ser só quando ele fala comigo. Ou até quando eu vejo ele na tevê ou só escuto a voz. *Ele* não sabe — eu acho que não —, e afinal o Ithiel não ia querer fazer uma maldade, interferir, dominar ou explorar — não é o jeito dele. A gente tem essa ligação, total, deliciosa, que também é um desastre. Mas até pra uma mulher criada com a Bíblia, o que na cidade de Nova York hoje em dia é uma influência bem distante, você não pode chamar a minha relação de um mal que clama por punição depois da morte. Não são as ofensas sexuais que vão te derrubar, porque a essa altura ninguém mais consegue traçar um limite entre o que é natural e o que não é, sexualmente. Enfim, não ia ser a histeria feminina, a razão de ela acabar no inferno. Ia ser alguma outra coisa...”

“E o quê?”, Laura perguntou. Mas Clara estava calada, e Laura se perguntava se não seria Teddy Regler quem deveria dizer o que Clara considerava um pecado mortal. Ele conheceu Clara tão bem, por tantos anos, que talvez pudesse explicar o que ela queria dizer.

A tal *au pair* austríaca, srta. Wegman — Clara se deu o prazer de conferir pessoalmente. Ela ia marcando os pontos: vestida do jeito certo pra uma entre-

vista, cabelo recém-lavado, sem unha comprida, sem esmalte que chamassem a atenção. A própria Clara estava vestida de matrona elegante, com um conjunto de padrão casco de tartaruga e uma blusinha branca com um babado embaixo do queixo. Dos seus dias de professora ela trouxe um estilo de preceptor na hora de fazer perguntas (“Agora, Willie, pegue a *Catilinária* e me dê o tempo verbal de *abutere* na frase de abertura de Cícero”): era a armadura da disciplinadora envergada por uma molengona. A tal austríaca causou uma impressão agradável. O pai era um banqueiro vienense e a menina era correta, educada e querida. Você tinha que tirar da cabeça que Viena era um ninho de psicopatas e hitleritas. Pense, pelo contrário, naquela moça linda que se matou junto com o príncipe herdeiro. Essa menina, que tinha mãe italiana, chamava-se Gina. Falava inglês com fluência e provavelmente não estava fingindo quando disse que podia assumir a responsabilidade de três meninhas. Não estava tramando planos secretos para dar um golpe em todo mundo, não estava no fundo cheia de prevenções quanto a crianças desafiadoras, obstinadas, mudamente resistentes como a mais velha de Clara, Lucy, uma menina roliça que precisava de ajuda. Uma jovem secretamente maldosa podia causar danos terríveis a uma criança como Lucy, causar ferimentos que jamais cicatrizariam. As duas meninas magrelinhas riam da irmã. Elas abafavam as risadinhas com a mão enquanto Lucy se continha como um soldado romano. O rosto dela se acalorava com o tédio e as mágoas.

A moça estrangeira fez tudo certinho, veio com as respostas corretas — por que não?, já que as perguntas as deixavam óbvias. Clara percebia como estavam distantes da “vida real” dos dias de hoje e da história atual essas suas premissas “responsáveis” — elas se baseavam na sua criação de cidade do interior, republicana e igrejeira, a disciplina de ninharias cotidianas da sua mãe, que fazia saltar sua mesada da máquina de troco de cobrador de ônibus que trazia pendurada no pescoço. A vida naquela cidadezinha em Indiana já estava tão ultrapassada quanto o antigo Egito. A “gente de bem” de lá eram os nativos com quem os televangelistas levantavam uma dinheirama para pagar pelas suas limusines de seis portas e pelas suas perversões à moda de Miami. Esse pessoal era a absurda família querida de Clara, por quem ela se sentiu sufocada na infância e por quem agora sentia um amor irrestrito. Em Lucy ela via a sua gente, ossuda, teimosa, calada — ela via a si mesma. Era um material que podia ir longe. Mas como é que você treina uma criança dessas, o que é que você podia fazer por ela em Nova York?

“Agora — tudo bem te chamar de Gina? — qual era o seu objetivo, Gina, quando você veio pra Nova York?”

“Melhorar o meu inglês. Eu estou matriculada num curso de música na Columbia. E aprender sobre os EUA.”

Uma menina europeia bem-educada e vulnerável teria feito melhor em ir para Bemidji, no Minnesota. Alguma ideia dos perigos explosivos que as mulheres encaravam por aqui? Elas podiam ser detonadas de dentro para fora. Quando era jovem (e não só então), Clara fizera experiências imprudentes — um monte de relacionamentos arriscados; podia ter acontecido de tudo; muito aconteceu; e tudo pela honra de correr riscos. Isso a levou a reavaliar a srta. Wegman, a estimar o que se podia fazer com um rosto como o dela, o cabelo daquele rosto, o vulto daquela menina, o busto — com o tesouro das Mil e uma Noites sobre o qual as mocinhas núbias (inocentes até certo ponto) estavam sentadas. Tantas atrações perigosas — e tanta ignorância! Naturalmente, Clara sentia que ela mesma faria tudo (até certo ponto) para proteger uma jovem que estivesse na sua casa, e tudo o que fosse possível significava usar todos os recursos de uma pessoa experiente. Ao mesmo tempo era uma crença firme para Clara que nenhuma mulher inexperiente de idade madura podia ser levada a sério. Portanto, podia ser séria essa sra. Wegman lá de Viena, a mãe, que tinha dado permissão para a tal Gina passar um ano na Deuseodiabolândia? Caso contrário, uma Gina rebelde estaria se arriscando por conta própria. De novo, pela honra de correr riscos.

Clara, no seu papel de matrona, de senhora da casa, aquiesceu com os seus próprios pensamentos, e o aceno que fez com a cabeça pode ter sido interpretado pela menina como se quisesse dizer que estava tudo o.k., que ela já podia se dar por contratada. Ela teria o seu próprio quartinho decente nesse imenso apartamento da Park Avenue, um salário justo, entrada e saída livre, duas noites livres, duas tardes para as aulas de história da música e partes da manhã enquanto as meninas estavam na escola. Conhecidos austríacos, jovens pretendentes, eram visitas encorajadas, e amigos americanos eram vetados por Clara. Combinando antes, Gina podia até dar uma festinha. Dá para ser democrática e ainda assim manter a disciplina.

Nos primeiros meses, Clara observou de perto a sua nova *au pair*, e aí pôde contar aos amigos na hora do almoço, gente do escritório, e até mesmo ao seu psiquiatra, o dr. Gladstone, como tinha tido sorte de encontrar essa menina vienense, srta. Wegman dos modos graciosos. Que exemplo perfeito ela dava, e

ainda era uma influência tão calma para as hiperexcitáveis pequeninas. “Como o senhor disse, doutor, elas disparam tendências histéricas umas nas outras.”

Não era para esperar respostas desses médicos. Você pagava para eles te darem ouvidos. Clara disse exatamente isso a Ithiel Regler, com quem continuava em contato bastante próximo: — telefonemas frequentes, cartas ocasionais, e quando Ithiel vinha de Washington eles bebiam alguma coisa, até jantavam de vez em quando.

“Se você acha que esse Gladstone está ajudando mesmo... Acho que alguns desses caras até *podem* ser legais”, disse Ithiel, num tom neutro. Com ele não havia intromissões triviais. Ele nunca tentava dizer o que você devia fazer, nunca dava conselhos em assuntos de família.

“É mais pra me aliviar o coração”, disse Clara. “Se você e eu tivéssemos vivido marido e mulher, isso não ia ser necessário. Eu podia não estar tão sobreacregada. Mas, mesmo assim, nós temos linhas de comunicação abertas até hoje. A bem da verdade, você mesmo já passou por um período de análise.”

“E como. Mas o meu médico tinha mais fragilidades do que eu.”

“E faz diferença?”

“Acho que não. Mas me ocorreu um dia que ele não podia me dizer como ser Teddy Regler. E nada ia ficar bem a não ser que eu *fosse* Teddy Regler. Não que eu faça grandes defesas do precioso Teddy, mas nunca pude escolher ser outra pessoa.”

Como pensava antes de abrir a boca, ele falava com confiança, e como tinha essa confiança, ele soava cheio de si. Mas Ithiel era menos entojado do que as pessoas lhe imputavam. Quando acompanhava, Clara, falando como alguém que o conhecia, que realmente o *conhecia* (e ela não fazia segredo disso), dizia, quando mencionavam o nome dele, quando ele era atacado por algum espírito inquieto da vida, que Ithiel Regler falava com mais franqueza dos seus próprios defeitos do que qualquer outra pessoa que se desse ao trabalho de expô-los.

No momento daquela conversa psiquiátrica, Clara agiu de uma maneira absolutamente familiar a Ithiel. Sentada, ela inclinou o corpo na direção dele. “Me *diga!*”, ela falou. Quando ela fez isso, ele mais uma vez viu a menina do interior em toda a secura da sua ignorância, pedindo instrução. Sua boca ficaria um pouco aberta enquanto ele responderia. Ela ia ficar observando e ouvindo com concentração crítica. “Diga!” era uma das suas senhas.

Ithiel disse: “Um dia desses eu vi um programa sobre violência contra

crianças na tevê, e depois de um tempo comecei a pensar quanta coisa eles estavam colocando sob aquela rubrica, sem contar violência sexual ou *mortal* — mutilação e assassinato. Quase tudo que eles estavam mostrando era castigo normal no meu tempo. Portanto, hoje em dia, eu podia ser um caso de violência contra a criança e o meu pai podia ter sido preso como espancador. Quando estava enfurecido, ele se transformava — ele era como uísque ilegal das montanhas em comparação com a bebida que a gente compra na loja. As crianças, nós todos, eram estapeadas com as duas mãos, pelos dois lados ao mesmo tempo, e sem piedade? E daí? Quarenta anos depois tenho que ver um programa de televisão pra saber que eu também sofri uma violência. Só que eu adorava o meu falecido pai. As surras eram só um incidente, um item isolado entre nós. Eu ainda o adoro. Agora, pra te dizer o que isso significa: eu não posso aplicar a terminologia corrente ao meu caso sem prejuízos pra realidade. O meu pai me batia empolgadamente. Quando ele fazia isso, eu queria que ele caísse duro e seco ali mesmo. Eu também adorava mortalmente o velho, e *jamais* vou me considerar uma criança que sofreu violência. Eu suspeito que o seu psicanalista fosse querer me levar até o ódio, pra não transformar o ódio em passividade. Aí ele estaria me dizendo do alto das suas premissas teóricas como Teddy Regler devia ser Teddy Regler. O verdadeiro Teddy, no entanto, rejeita essa mágoa contra um homem morto, que ele mais que simplesmente *espera* ver na terra dos mortos. Se isso tivesse que acontecer, seria porque nós nos amamos e desejamos que acontecesse. Além disso, depois dos quarenta anos há que se declarar uma moratória — mais cedo, se possível. Você não pode bancar ser uma criança arruinada pra sempre. Eis o meu argumento contra a psiquiatria: ela encoraja você a enfatizar a violência e te mantém infantilizado. Agora o coração de todo este país morre de pena de si próprio. Pode haver causas políticas ocultas pra isso também. Prenúncios do destino desta imensa superpotência...”.

Clara disse “*Diga!*” e aí ficou ouvindo como uma menina do interior. Esse lado dela nunca iria desaparecer, graças a Deus, Ithiel pensou; enquanto a secreta observação de Clara foi: Como nós chegamos a nos entender bem. Ah, se a gente tivesse sido assim vinte anos antes.

Não era que ela não fosse capaz de acompanhá-lo nos primeiros anos. Ela sempre entendeu o que Ithiel dizia. Se não fosse esse o caso, ele não teria se dado ao trabalho de falar — por que gastar palavras? Mas ela também reconhecia o

apelo cômico de ser a paspalha boquiaberta. Puxa vida! Ah, é! Mas claro! E eu aqui capaz de me morder de raiva por não ter pensado nisso sozinha! Mas o tempo todo a Clara da cidade grande estivera em construção, estocando ideias para a sua sobrevivência na Deuseodiabolândia.

“Mas deixa eu te contar”, ela disse, “um negócio que eu estava espantada demais pra mencionar quando a gente se conheceu... quando a gente ficava deitado sem roupa em Chelsea, e você largava umas ideias voando em volta do mundo, mas depois elas sempre voltavam a *nós*, na cama. Na *cama*, que na minha cabeça era pra descanso, ou sexo, ou ler um romance. E de volta a *mim*, que você nunca ignorou, por mais que as suas ideias pudessem ter ido longe.”

Aquele Ithiel, de cabelo completamente negro então, e agora grisalho, tinha ganhado algum peso. Rosto mais cheio, arredondado embaixo. Com algo mais da forma de uma urna. De resto a aparência dele estava notavelmente igual. Ele disse :“Eu realmente não tinha assim tantas boas-novas sobre o mundo. Acho que você estava caçando entre as coisas obscuras que eu falava, em busca de aberturas que te levassem de volta ao primeiro e único assunto que você tinha: amor e felicidade. Eu muitas vezes sinto tanta curiosidade sobre o amor e a felicidade agora quanto você sentia naqueles dias, ouvindo os meus falatórios”.

Entre um emprego e outro, Ithiel tinha conseguido achar tempo para passar longos meses com Clara — em Washington, sua base principal, em Nova York, em Nantucket e em Montauk. Depois de três anos juntos, ela de fato o pressionou a comprar um anel de noivado. Ela era naquela época, como ela mesma lhe diria, terrivelmente compulsiva e exigente (como se não fosse agora). “Eu precisava de uma declaração simbólica pelo menos,” ela dizia, “e pus tanta pressão nele, dizendo que ele tinha me arrastado tanto tempo por aí como a namoradinha, como a transa dele, que finalmente eu consegui dele essa capitulação.” Ele levou Clara à loja de Madison Hamilton no distrito dos diamantes e comprou-lhe um anel de esmeralda — de verdade, perceptivelmente limpa, cor perfeita, de primeira qualidade, como avaliadores disseram mais tarde a Clara. Mil e duzentos dólares ele pagou pelo anel, um preço alto nos anos 60, quando ele estava especialmente duro. Mas ele era assim: difícil de convencer mas, depois que tinha decidido, desconsiderava os itens mais baratos. “Pode levar toda essa outra porcariada”, ele resmungou. O correto sr. Hamilton provavelmente ouviu. Madison Hamilton era um cavalheiro, de boa reputação e com dignidade, numa década em que algumas dessas qualidades ainda estavam por aí: “Antes de os

nossos compatriotas americanos terem se afundado em mentiras até cair num estado de alucinação — terem se engabelado até chegar à inânia”, dizia Ithiel. Ele disse também, ainda falando de Hamilton, que vendia joias antigas: “Acho que o nominho doido que os meus pais me deram me predispôs favoravelmente a tipos em extinção como Hamilton — WASPS com bons modos... No que me diz respeito, ele podia ser um armênio, dos discretos”.

Clara estendeu o dedo de noivado, e Ithiel colocou o anel. Quando o cheque estava preenchido e o sr. Hamilton pediu um documento, Ithiel pôde mostrar não só uma carteira de motorista mas um passe do Pentágono. O que causou uma grande impressão. Naquela época Ithiel estava voando alto como menino prodígio da estratégia nuclear, e podia ter ido direto até o topo, até a mesa de negociação em Genebra, encarando os russos, se fosse menos idiossincrático. Gente muito poderosa atribuía um valor elevado às capacidades dele. Bom, era só você olhar o tamanho e a limpidez daqueles olhos escuros: “Os olhos de Hera na minha gramática homérica”, dizia Clara. “A não ser pelo fato de que ele era tudo menos efeminado. Não mesmo!” Ela só queria dizer que ele tinha um olhar clássico firme.

“Na loja do Hamilton, naquele dia, eu estava usando um conjunto com uma minissaia que mostrava os meus joelhos se tocando. Eu não tenho perna torta, é só essa pequena peculiaridade no que se refere à parte de dentro das minhas pernas... Se é uma deformidade, me fez bem. O Ithiel achava o máximo.”

Posteriormente, ela ia se referir a isso como “a imprevista utilidade das anomalias”. Ela escreveu isso num pedacinho de papel que deixou vagar pela casa com outros pedacinhos de papel, de modo que, se perguntassem o que queria dizer, ela podia dizer que tinha esquecido.

Embora Ithiel vez por outra pudesse mencionar “teoria dos jogos” ou “destruição mútua garantida”, ele não entregava informação que pudesse ser restrita, e ela nem tentava entender o que ele fazia em Washington. De vez em quando o nome dele aparecia no *Times* como consultor de segurança internacional, e durante uns anos ele foi conselheiro do presidente de um comitê do Senado. Ela deixava a política em paz, sem perguntas. Quanto mais ocultas as atividades dele, tanto melhor ela se sentia a seu respeito. Poder, perigo e segredo o deixavam ainda mais sexy. Nada de conversa fiada. Uma mulher podia se sentir segura com um homem como Ithiel.